



## LEITURAS ESCOLARES DO SÉCULO XX: LEITURA, EDUCAÇÃO E GÊNERO

Alexandra Santos Pinheiro

A representação do feminino é uma temática que interessa a diversas áreas das Ciências Humanas. Observar as imagens femininas e o discurso de mulheres/ sobre mulheres contribui para uma reflexão histórica e social da constituição do feminino, percebendo-o como sujeito que, geralmente, é constituído pelas concepções de seu tempo e de sua comunidade. Em nossa pesquisa, “Histórias de Leitura em Dourados (1925-1980): livros, leitores(as), escritores(as), escolas e bibliotecas”, desenvolvida junto à Universidade Federal da Grande Dourados, temos nos deparado com situações e contextos de leitura em que os entrevistados são marcados pela fala de material impresso, pela censura a determinadas leituras e pelo apego aos livros de sua infância e juventude. É com base nesse contexto que apresentamos o texto a seguir

Para a presente reflexão, voltaremos a atenção para o contexto didático-literário. A proposta consiste em analisar como as narrativas do livro *Corações de crianças*<sup>1</sup>, de Rita de Macedo Barreto representa a mulher e quais as funções atribuídas a ela. Trata-se de uma obra que atravessa décadas, uma vez que a primeira edição é de 1913 e a última do início da década de 40. Ressaltamos que, quando pensamos em representação, trabalhamos com a proposta de Chartier, que observa o conceito de forma epistemológica. Para o pesquisador, “representação” é um conceito por meio do qual se pode analisar um fenômeno social concreto; é também uma categoria inerente ao conhecimento histórico de uma “realidade” (Cf. FALCON, 2000, p. 41-44).

No Caso da obra *Corações de crianças*, podemos identificar não o discurso atribuído ao sexo feminino, mas o incorporado por ele, já que se trata de um livro escrito por uma autora e que contém narrativas que refletem comportamentos esperados para a época. A autora não representa pensamentos individuais, ao contrário, as narrativas criadas por ela representam o ideal de uma sociedade e do espaço e funções que essa sociedade delegava ao sexo feminino:

Não é a descrição das atitudes, opiniões, e aspirações individuais que tem a possibilidade de proporcionar o princípio explicativo do funcionamento de uma organização, mas a apreensão da lógica objetiva da organização é que conduz ao princípio capaz de explicar, por acréscimo, as atitudes, opiniões e aspirações (Bourdieu, 2002).

A autora Rita de Macedo Barreto fazia parte de um grupo de professores paulistas que, desde o final do século XIX, discutia os rumos da Educação, alguns deles eram parentes de Rita

---

<sup>1</sup> Agradecemos à professora aposentada Maria Mercedes dos Santos pela gentileza de nos emprestar o exemplar de 1936 para a realização desse trabalho.



Barreto. Entre os nomes, destacamos Arnaldo Barreto, René Barreto, Pedro Voss e Aristides de Castro. Com o apoio da Secretaria da Educação de São Paulo, esses e outros professores publicaram periódicos significativos para a história da Educação Brasileira: *A Escola Pública* (1895), *Revista do Jardim da Infância* (1896), *Revista de Ensino* (1902), *Como Ensinar Leitura e Linguagem* (1911), etc.

O exemplar de *Corações de criança* que utilizamos para análise é de 1936, 39ª edição, encontra-se bastante danificado, folhas soltas (algumas perdidas) na capa, o desenho foi rasgado, a borda das páginas corrompidas pelo tempo. Todavia, o livro permite observar que a editora já investia em alguns atrativos para conquistar a atenção do público leitor infantil: as narrativas são ilustradas (algumas coloridas), os títulos são grafados com letras grandes e cada narrativa é inserida em uma página especial.

Apesar do envolvimento da autora em questões educacionais e apesar de ela ser uma das primeiras escritoras de livros didáticos brasileiros, Rita Barreto deve ser inserida, também, no contexto social e histórico que lhe cercava. Desta forma, além de exercer a função de professora e de ser autora de livros didáticos, a senhora Barreto era mãe de oito crianças, cumpria a função social de esposa e zelava por sua casa. É a partir do discurso dessa autora, envolvida por múltiplos papéis, que analisaremos, no presente trabalho, a representação do feminino no livro de leitura *Corações de Crianças*, adotado pelas instituições públicas de ensino no Brasil nas primeiras décadas do século XX.

O fato de ser uma mulher escrevendo livros didáticos às crianças é um elemento a ser considerado, pois, por si mesma, a escrita de Rita Barreto já implica uma representação. Além disso, era pensamento da época, que ninguém melhor do que a mulher, com seu espírito maternal, para entender os desejos infantis. *A História social da criança e da família*, escrita por Áries, aponta a importância atribuída à mãe no processo de formação social, religiosa e moral da criança. No novo sistema familiar que se coloca a partir da revolução francesa, a mulher precisava ser “educada” para educar seus filhos, instruindo-lhes os preceitos de conduta esperados pela sociedade da época (Cf. ARIÈS, 1981). Vale destacar, nesse sentido, que a criança passa a ser vista como um indivíduo a ser preparado para atuar na sociedade no período de sua vida adulta. Trabalhamos, portanto, num contexto em que a criança seria um indivíduo a ser formado e não como um ser capaz de se formar a partir de suas experiências e vivências (Cf. BETTELHEIM, 1980, p. 11).

De acordo com o prefácio, o objetivo de livros como *Corações de Crianças* é o de ensinar, a partir de leituras moralizantes, exemplos de conduta para os pequenos leitores. Os depoimentos



escritos sobre o livro nos fazem constatar, ainda que, no início do século XX, a mulher era ainda considerada pelo seu papel de zelar pelo lar e pela educação de seus filhos. Ao final do prefácio que escreve para a obra de Rita Barreto, Arnaldo Barreto declara:

**CORAÇÕES DE CRIANÇAS** preenchem, ainda a este respeito, cabalmente o seu fim.

Mãe de oito filhos, a mãe extremosa, a autora, no seu trabalho, nada mais fez do que reproduzir as acções que ia observando, dignas de registro, em cada um delles á medida que se lhes iam evoluindo os bons sentimentos. Cada um é o protagonista de algumas das narrativas, assim como cada assumpto é uma acção surprehendida em flagrante na sua vida infantil.

Dahi nascem a simplicidade e sentimento de todas as historietas, que deverão certamente influir com toda a sua força emotiva na formação ethica dos pequenos leitores a que se destinam.

Estes são os melhores predicados que se nos depararam nos livrinhos da distincta professora paulista, e que orientarão, podemos affirmar, para um melhor caminho, o ensino da leitura nas nossas escolas publicas.

Recommendamol-os, pois, com todo o entusiasmo ao illustrado professorado de S. Paulo.

Notemos que se trata de um “livrinho” escrito por uma zelosa mãe de oito crianças. Ao utilizar o diminutivo para se referir à obra da autora, Arnaldo Barreto tanto reflete o pensamento de sua época, o qual atribuía aos livros destinados às crianças um valor menor, quanto, de certa forma, desmerece o trabalho intelectual de Rita Barreto, uma vez que ela “nada mais fez do que reproduzir as acções que ia observando”. O resultado do registro realizado seriam as “historietas”, “que deverão certamente influir com toda a sua força emotiva na formação ethica dos pequenos leitores a que se destinam”.

No prefácio, o autor explicita a sua concepção de “ensinar leitura”, vejamos:

É conseguir pensamentos.

Só nos é licito dizer que lemos, quando assimilarmos os pensamentos da pagina que nos é dada a ler.

Para atingirmos a esse resultado, é mister que seja grande o cabedal de nossas idéas, afim de, relacionadas às palavras que entretecem as sentenças, podermos apprehender o pensamento que estas registram.

Ler implica, portanto, em apreender ideias e, para isso, faz-se necessário que o leitor dialogue com outras informações (conhecimento). O autor propõe que o processo de leitura deve ser efetivado a partir da intertextualidade com outros conhecimentos. O autor não destaca o processo de reflexão sobre as ideias lidas, trata apenas do ato de assimilar conteúdo, o que é compreensível se contextualizarmos o texto com a proposta de educação da época.

A prática de Literatura representava uma espécie de veículo tradutor da realidade, com o poder de espelhar o mundo e seus contornos. Na época, surgiram manuais de leitura que ensinavam a forma de segurar os livros, os problemas de saúde causados pelo excesso de leitura e os conteúdos que deveriam ser lidos (AUGUSTI, 2006, p. 47). Hoje, a visão da Literatura busca, como afirma Marisa Lajolo, a “grande aventura da significação provisória”, transformando esse provisório na “arma de sua permanência”. A arte literária seria vista como “instauração de uma realidade,



apreensível apenas na medida em que permite o encontro de escritor e leitor sem que, entre ambos, haja qualquer acordo prévio quanto a valores, representações, etc.” (LAJOLO, 2002, 12).

A concepção de literatura relaciona-se, então, com a questão da leitura, entendendo-a como um processo de construção de sentidos. Antonio Candido afirma que a Literatura tem a capacidade de “confirmar a humanidade do homem”, derivando, entre suas funções a de “satisfazer à necessidade universal de fantasia, contribuir para a formação da personalidade e ser uma forma de conhecimento do mundo e do ser” (Cf. *Ciência e Cultura*). Distante da concepção que marca a leitura literária atual, o ato de ler era considerado como uma ferramenta para se conseguir pensamento, portanto, a leitura deveria permitir à criança:

Sómente aquelles, diz Sarah Arnold, que valem a pena de ser adquiridos, isto é, os pensamentos nobres, elevados, formosos e puros.

Melhor seria para ella não ler nunca, do que empregar seu conhecimento da leitura em adquirir idéas más e sentimentos rasteiros. É mister, porisso, cuidar muito e muito de que a matéria e assumptos escolhidos sejam bons e dignos de consideração.

*Corações de crianças*, pelos argumentos elencados, estaria apto a fazer parte do rol de leituras a serem oferecidas às crianças das instituições públicas de São Paulo. Um olhar distante das primeiras décadas do século XX vai perceber que as representações de comportamentos, de moralidade e de gênero oferecidas aos alunos daquela época atravessam a história e respingam no século XXI como uma cicatriz que ainda provoca, nas relações de gêneros, as mesmas ideias de divisão de trabalho e de conduta moral que marcou a história da família ocidental.

*Corações de crianças* dá aos leitores do século XXI uma visão histórica da mulher, possibilitando perceber qual a representação que as instituições escolares difundiram sobre o gênero feminino. Após a leitura de todas as narrativas, detectamos que os adjetivos definidores das personagens femininas dessa obra são: frágeis, estudiosas, caridosas, puras, emotivas, amáveis, obedientes, caprichosas, etc. No prefácio apresentado no início desse artigo, Arnaldo Barreto trata da importância de oferecer às crianças leituras que sirvam de exemplos de conduta e de personalidade. Assim, as personagens dessa obra são exemplos de mulheres resignadas, que permanecem no espaço doméstico, zelando pela ordem da casa e pela educação dos filhos.

Essa obra, de modo geral, obedece aos conceitos de leitura infantil pensados nesse período. A criança, como afirma o professor Arnaldo Barreto, no prefácio de *Corações de criança*, precisa de leituras que lhes ensinem o caminho do bem, portanto, a esses leitores são oferecidas narrativas com personagens premiados por personificarem sentimentos e ações consideradas positivas: o amor, a caridade, o estudo, a obediência aos pais e aos mestres, o trabalho, a honestidade, o patriotismo.



Em contrapartida, os personagens que transgridem as normas estipuladas são descritos como inferiores, feios e, pelos atos cometidos, são duramente punidos: pobreza, falência, morte prematura, solidão são algumas das conseqüências para quem se desvia do bom caminho. No rol dos bons e maus exemplos estão as “donas de casa”, de quem o presente artigo pretende tratar.

A narrativa “Quem luta vence” faz a representação da mulher a partir do seu esforço para ajudar o seu marido. A primeira página da história é ilustrada com uma casa cercada por árvores, na parte de fora da casa, dois homens trabalham com enxadas; na janela, uma mulher os observa. Observa-se uma cena que simboliza o espaço historicamente atribuído à mulher, ou seja, o do lar.

A questão remete a uma construção sócio-histórica (e econômica) de um espaço feminino restrito à sua função de mãe. Primeiro nas tribos primitivas, quando a mulher, por estar sempre grávida, necessitava ficar em casa para cuidar dos filhos já nascidos e dos que estavam por nascer. Depois, com o surgimento da burguesia, originada pela Revolução Francesa, a figura feminina permanece restrita ao lar, porque lhe caberia acompanhar a educação de seus filhos. Assim, ser mãe sempre foi um aspecto determinante na vida da mulher.

Para Beauvoir, o amor materno, enquanto algo instintivo é um mito, é uma imposição alienante. A autora questiona posições, como a de Alfred Fouilleé, para quem o fato da mulher gerar o filho é justificativa suficiente para a dedução de que o seu lugar é no lar. “A fecundidade absurda da mulher a impedia de participar ativamente do crescimento dos recursos ao passo que ela criava novas necessidades”, afirmou Beauvoir (BEAUVOIR, 1. vol., s/d, p. 34-46). Nessa mesma perspectiva, Margared Mead (2003) aponta que a organização de algumas tribos primitivas era marcada por dois espaços: o fora da casa, destinado ao homem que tinha a tarefa de buscar o alimento para a sobrevivência de seus filhos e companheira; e o espaço ligado a casa, destinado à mulher, que precisava cuidar da prole e do preparo do alimento. Nota-se que não há problema nesses papéis. A sociedade, imbuída por um imaginário social define/hierarquiza esses papeis, de acordo com seus modelos culturais.

O enredo é marcado por um discurso em consonância com a ideologia de uma época. Aos alunos e às alunas das instituições que adotavam essa obra didática, são oferecidas imagens do feminino, mas, pelo que parece, não são essas imagens que importam. Para trilhar o caminho do bem, basta a esses leitores saber que a união familiar, o trabalho e a economia são fundamentais para atingir o sucesso. Entretanto, leituras como essas, aparentemente ingênuas, incutem, mesmo que inconscientemente, o padrão a ser seguido. O problema recai, principalmente, na questão de gênero, o padrão pensado para a mulher reflete sobre sua própria história de opressão e submissão.



No final do enredo, o narrador lembra que Antonio obteve sucesso porque foi **auxiliado**<sup>2</sup> pela esposa e pelos filhos. Dentro do espaço doméstico, Genoveva passou, cozinhou, laçou, bordou e administrou a economia doméstica e a distribuição de trabalho entre os filhos. Apesar de todas as atividades, a personagem é colocada como aquela que auxilia o chefe da casa. Ainda sobre a questão do trabalho, é significativo observar a distribuição de tarefas entre os filhos do casal. Os meninos ficavam com a arrumação do quintal e do jardim e as meninas cuidavam da casa. Aqueles que ficam no espaço externo a casa têm maior importância: quem está fora traz o alimento e o dinheiro necessário para sustentar o lar; quem está dentro tem apenas a função de zelar pelos bens conquistados.

O último aspecto que julgamos importante destacar refere-se ao discurso que Genoveva faz ao marido: “-Tem paciência! Tudo se arranjará! Ainda és moço e podes trabalhar. Esforça-te e verás que ainda seremos muito felizes” (p. 35). A personagem aconselha, mostra-se paciente diante da dificuldade, não se desespera. As personagens femininas, como mencionamos, são construídas a partir de exemplos e caracterizadas, geralmente, pelo dom da doação. Às leitoras dessas narrativas, meninas entre 8 e 10 anos, eram ensinados esses modelos de conduta feminina: mulheres esforçadas, submissas, caridosas e frágeis. Trata-se de personagens premiadas por serem honestas e resignadas e punidas por optarem pelo caminho do mal. Como Arnaldo Barreto lembra em seu prefácio, a leitura deveria preencher a falta de experiências dos pequenos leitores e possibilitar a eles exemplos e vantagens em se seguir o caminho do bem.

*Corações de criança* permite observar que as leitoras e leitores são levados a se identificarem com as personagens e com suas ações, almejando a premiação e temendo a punição vivenciada por elas. Nesse sentido, é interessante analisar o enredo da história “O polichinello”, quando um furto, ao invés de punido, é valorizado em decorrência do sentimento que desencadeou a ação. De acordo com o enredo, uma mãe passeava com seu filho, na véspera de Natal, quando a criança pediu que ela lhe comprasse um polichinelo. Sem recursos financeiros para obter o produto, a mãe leva o filho para casa. Na mesma tarde, a criança sofre de febre alta e, entre seus soluços, pede pelo brinquedo. Desesperada, a mãe vai até a loja e rouba o produto. Ao segurar o polichinelo, o filho se acalma e a febre cede. Instantes depois, ela recebe a visita do dono a loja e da polícia. Quando ouve a explicação da suposta ladra, o proprietário da loja declara: “-Eu os trouxe para prender uma ladra, mas aqui só encontrei uma carinhosa mãe... podem retirar-se”. O ato criminoso é

---

<sup>2</sup> Grifo nosso.



perdoado porque fora cometido pelo desespero de uma extremosa mãe. O amor materno é visto como capaz de se doar integralmente ao filho, mesmo que o ato exija infringir leis.

Uma das últimas narrativas que compõe o livro de leitura parece sintetizar o que expressamos até o momento. A mulher era representada a partir de sua função no lar: mãe, esposa, responsável pelo trabalho doméstico. Diante dessa imagem pensada para representá-la, a mulher, quando não cumpre com as suas obrigações, é responsabilizada pelos prejuízos causados à sua família. O teor do enredo que passaremos a descrever torna-se ainda mais intenso quando nos lembramos do prefácio de *Corações de crianças*. Como coloca Arnaldo Barreto, a criança é um indivíduo “de ideas pobres”, a leitura possibilitaria a ela aprender a partir de experiências concretas, ao mesmo tempo em que lhe inculcava noções de comportamentos morais. Então, a representação que a obra em si faz da mulher não é ingênua, o propósito é sim o de apresentar a conduta a ser adotada e as consequências para aqueles que não a seguem.

“Em ordem e progresso”, um filho questiona seu pai sobre o lema da bandeira brasileira, “Ordem e progresso”. O pai explica ao ensino que um país, para progredir, precisa ter ordem e ilustra sua exposição com o exemplo de uma família cujo pai era trabalhador e honesto, mas “que teve a infelicidade de casar-se com uma mulher prodiga, vadia e desordenada”. Enquanto o marido trabalhava, a mulher conversava com as vizinhas e fazia compras, não se importava com os filhos, que, por sua vez, frequentavam a escola apenas quando sentiam vontade. A ajudante da casa aproveitava a ausência da patroa para roubar mantimentos. Quando o marido chegava a casa para almoçar, não encontrava ninguém para lhe acompanhar nas refeições. A desordem da esposa causava-lhe tristeza, mas ele de nada reclamava, até que, não suportando mais o convívio com sua família, o marido morreu de desgosto.

Com sua morte, a mulher precisou trabalhar; como não sabia fazer nada, passou a esmolar pelas ruas, enquanto os filhos foram internados no instituto disciplinar e as filhas entregues para serem criadas em casas de família. O pai conclui a explanação lembrando ao filho que a casa deve ser comparada à administração pública. Faz-se necessário que o chefe tenha autoridade para evitar que os seus auxiliares desperdicem o dinheiro público.

Na família ilustrada, o marido é representado como um fraco, não exigia que a esposa cumprisse com a obrigação de zelar pela casa e pela educação dos filhos, como consequência, todos sofrem pela falta de administração: o marido (chefe), morre de desgosto; a esposa, passa a mendigar; e os filhos, nulos de orientação educacional, viram marginais. É interessante notar que nessa narrativa, apesar de a esposa ter sido a responsável pelo destino da família, o marido é o



grande responsabilizado, pois foi ele quem não cumpriu o seu papel de chefe, de administrador do lar. Mesmo que a mulher seja incumbida de zelar para que sua casa seja bem cuidada e para que seus filhos sejam educados, ela deve estar, mesmo se tratando de atribuições domésticas, submissa às ordens do marido, representado nos enredos como o chefe do lar. A penúltima narrativa que trazemos para análise segue nessa direção.

O narrador de “A economia” conta a história de dois irmãos, Rodolpho e Augusto, ambos eram casados e tinham bons empregos. A diferença entre eles estava na forma com que administravam sua família. Rodolpho e a esposa eram econômicos, enquanto ele estava no trabalho, “a mulher fazia todo o serviço da casa, trazia tudo em muito boa ordem e ainda lhe sobrava tempo para fazê-la bonita. Enfeitava-a com plantas e com flores frescas e perfumadas”. Com o auxílio da esposa, Rodolpho conseguia economizar todos os meses.

Em contrapartida, a esposa de Augusto é representada como uma mulher trabalhadora, mas que se ocupava com coisas que não davam lucro à família. Preferia fazer bolos e doces para presentear os amigos a costurar e lavar as roupas do marido e dos filhos. Como não lhes sobrava nenhuma economia, ficaram impossibilitados de pagar os estudos dos filhos e de construir uma casa própria. Na velhice, Rodolpho e a esposa puderam gozar de uma vida tranquila, mas Augusto precisou trabalhar para manter as extravagâncias da esposa.

Além de ilustrar exemplos de conduta para o progresso da família, essa narrativa levanta outra questão colocada em destaque na representação do feminino: o tema da vaidade, o discurso do belo. Augusto não soube controlar as vaidades da mulher, como resultado, precisou trabalhar na velhice para “comprar vestidos de seda para mulher ou gastar tudo em banquetes e festas”. A vaidade, tema constante nas narrativas ficcionais, está mais relacionada às personagens femininas. Em *Corações de crianças*, a temática ilustrou exemplos de personagens que se perderam por se deixarem tomar por esse sentimento.

A esposa de Augusto pode contar com a cumplicidade do marido, que preferiu trabalhar na velhice a deixar faltar os vestidos novos para sua esposa. Lembramos, mais uma vez, que *Corações de Crianças – terceiro livro* - era destinado ao terceiro ano das séries iniciais, ou seja, os seus leitores seriam crianças entre 8 e 9 anos. Esses leitores eram confrontados com representações que descrevem a mulher como digna de respeito por zelar de seu lar e por auxiliar o marido no cuidado da família ou como a responsável pelos insucessos familiares: vício e falta de educação dos filhos, desorganização da casa, infortúnios do marido. As ilustrações deveriam servir como exemplos a



serem ou não seguidos e uma das formas de argumentação era a premiação ou a punição. Julieta perde o amor do marido, adocece e vive sozinha seus últimos anos de vida.

O que a análise nos permite constatar é que a representação do sexo feminino sempre esteve atrelada às questões religiosas e morais. A Literatura escolar, nesse sentido, exerceu um papel fundamental para exemplificar aos pequenos leitores a conduta esperada para época: as mulheres deveriam ser submissas à dominação masculina e presas às lidas domésticas. Rita de Macedo Barreto, embora fosse professora e escritora, não teve essas funções destacadas no prefácio de sua obra. O mérito de seu “livrinho” foi associado à sensibilidade da mãe em observar as ações de seus oito filhos e de transformar sua observação em “historietas” éticas e moralizantes.

De acordo com as representações percebidas na obra analisada, a mulher é avaliada por sua capacidade de cumprir com as obrigações de filha, mãe e esposa. Inconscientemente ou não, as gerações formadas a partir dessas leitoras eram condicionadas a aprender algumas dicotomias, tais como: o marido trabalha, a mulher auxilia; o marido decide, a mulher aconselha; o marido sustenta a casa, a mulher zela pelo que ele conquistou. São posições que atravessam o tempo e que se fazem perceber na conduta de casais, na educação dos filhos, na representação atual da mulher. Reflexões como a que acabamos de traçar são importantes para que tenhamos um olhar menos ingênuo em relação às produções destinadas ao público infantil e à capacidade desse público de interiorizar inconscientemente tais informações.

### *Referências Bibliográficas*

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

AUGUSTI, Valéria. *Trajetórias de consagração: discursos da crítica sobre o romance no Brasil oitocentista*. Campinas, SP, 2006. Tese (Doutorado). IEL-UNICAMP.

BARRETO, Rita de Macedo. *Corações de crianças- terceiro livro*. 39ª. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1936. (série de contos moraes e civicos).

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Trad. Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2001.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fada*. Trad. de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. “Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910)”. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, p. 475-491, set./dez. 2004.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa:



Difel, 1990.

DURKHEIM, Émile. *Da Divisão do Trabalho Social*. 2º ed., São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FALCON, Francisco J. Calazans. *História e Representação*. In: CARDOSO, C. F. & MALERBA, Jurandir (orgs.). *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papyrus, 2000, p. 41-80.

PERROT, Michelle. *Os excluídos: operários, mulheres, prisioneiros*. Trad. Stella Bresciani. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.